

O VALOR DOS MUSEUS

Eles não são apenas edificações, coleções e exposições – são agentes ativos de transformação. Para além do que é possível visualizar e se extasiar, os museus nos oferecem ideias para um novo mundo

POR FÁBIO ANTÔNIO GABRIEL



“Nãõ vá a museu com um destino. Museus são como portais para outros lugares. Eles são máquina de êxtase. Siga seus olhos para onde eles o levarem... e o mundo começará a mudar para você.” Essa frase, do crítico de arte e colunista da revista New York, Jerry Saltz, poderia ter sido escrita pela jovem museóloga Danielly Dias Sandy, doutoranda em Planejamento e Governança Pública na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para quem os museus, além de influenciar todos aqueles que adentram suas portas e se deleitam em seus espaços, impactam positivamente todo o seu entorno em diferentes aspectos. “Os museus são agentes ativos de transformação”, afirma Sandy.

Interessada nas áreas de museologia, gestão museológica, artes visuais, políticas públicas para cultura, ela é responsável pela produção de livros como *Contextualizando o Universo das Exposições* e *Museologia* (ambos da Ed. Intersaberes). Em entrevista exclusiva concedida à revista HUMANITAS, ela reflete sobre a questão da cultura na atualidade, sua disseminação e a importância de políticas públicas para que a comunidade de um país conheça sua própria história e aprenda com ela. Veja, a seguir, os destaques dessa conversa.

MUSEOLOGIA

Valorização da cultura

“Meu olhar como museóloga e professora sobre a cultura de nosso tempo naturalmente identifica muitas lacunas no que se refere ao envolvimento das pessoas. Minha percepção é de que as coisas podem mudar nos próximos anos. E nesse sentido sou otimista, porque percebo que fenômenos como a globalização, bem como ferramentas como as redes sociais, fazem com que as pessoas tenham acesso facilitado à cultura e a temas correlatos de uma forma muito rápida. Há quem consuma cultura sem nem mesmo se dar conta disso. Então, a cultura está cada vez mais presente na vida e no dia a dia das pessoas, pela TV, internet, viagens, turismo etc. E por esses meios destaco que não apenas a cultura da vida vivida está mais presente em nosso cotidiano, mas também a cultura da humanidade com suas múltiplas faces e expressões. Percebo ainda a atuação ativa e efetiva de diferentes agentes, e os museus se encontram nesse bojo.”



© ARQUIVO PESSOAL

“A MUSEOLOGIA TRABALHA SOBRETUDO COM O PRESENTE; MESMO USANDO O PASSADO COMO FERRAMENTA BÁSICA, A SUA ATUAÇÃO É SEMPRE NO PRESENTE PARA REVERBERAR NO FUTURO”

**DANIELLY
DIAS
SANDY**

O fenômeno cultura

“Na sociedade em que vivemos, a cultura é um fenômeno em todos os sentidos e socialmente tende a tornar-se, de fato, uma indústria, até para poder atender a contento à grande demanda de procura, considerando o número de pessoas que temos atualmente no mundo e aqueles que buscam por ela. É claro que o volume de pessoas interessadas em cultura ainda pode ser considerado pequeno, mas já representa uma parcela significativa e que requer grande produção. Ao mesmo tempo, sabemos também que parte considerável do que vem dessa indústria não representa, de fato, uma linha de cultura para sensibilizar, educar e elevar os sentidos, e, sim, algo efêmero, como mero entretenimento ou até conteúdo depreciativo em relação a algumas coisas, como valores e outras culturas, infelizmente. E para corrigir isso, eu realmente acredito no poder e na imprescindibilidade da educação.”

Reprodutibilidade

“Não vejo a quantidade e a necessidade de reprodutibilidade da cultura em escala industrial como um problema, necessariamente. Vejo a forma como estamos agindo diante disso, ou seja, minha preocupação, nesse sentido, gira principalmente em torno de como estamos consumindo a cultura e se a nossa relação com ela é profunda e inefável ou superficial e sem impacto em nossa vida, sem nos sensibilizar ou nos ajudar na construção do pensamento crítico e de um olhar para o estético. Por exemplo, há décadas era muito difícil para uma grandiosa parte das pessoas no País ter acesso a imagens de obras de arte. Hoje, tudo isso está mais fácil, acessível à maior parte da população, embora nem todos ainda possam ter livros ou conexão com a internet para visualizar imagens. Apesar disso, qual é a qualidade de nosso senso de observação das coisas, de aprofundamento, de reflexão sobre elas? Para mim, certamente a indústria cultural cumpre o seu papel de reprodução em grande escala, mas também precisamos estar atentos ao que ‘consumimos’ e, de certa forma, a como fomentamos o consumo enquanto cultura.”

O público dos museus

“A faixa etária de quem se interessa por museus pode variar bastante a depender da instituição, de seu acervo, de como ele é trabalhado pelas ações educativas e culturais, pelas inúmeras possibilidades de propostas etc. Esse número também pode variar de acordo com a região e o entorno do museu, bem como se outras instituições são engajadas ou não na tarefa de estimular a visitação, levando grupos de risco, grupos de alunos, de idosos etc. Podemos motivar de diversas formas grupos de diferentes faixas etárias, mas, para isso, temos de nos apaixonar pelo que queremos incentivar, mostrar com exemplos práticos o quanto a vida com arte e cultura se torna mais fascinante. Acho que essa é a fórmula que mais funciona para atrairmos o público de diferentes idades para um museu. Como museóloga, penso que as pessoas se encantam não apenas pelo que fazemos, mas sim pela intensidade emocional que direcionamos ao que fazemos e isso é imprescindível para encantarmos, sobretudo as crianças e os adolescentes.”

O valor dos museus

“São muitas as contribuições que a valorização dos museus pode trazer para a formação cultural de um país. Uma delas é tornar o indivíduo mais cômico de sua história, memória e, conseqüentemente, de sua própria identidade. Os museus têm um papel social importante e suas ações favorecem diretamente a valorização da cultura e o desenvolvimento de uma consciência cidadã. O povo que vive a sua cultura, sabendo quem é, torna-se mais crítico, exigente, criativo, respeitoso e alegre. Ou seja, os museus são agentes ativos de transformação capazes de mudar não apenas o seu entorno em diferentes aspectos, como também influenciar todos aqueles que adentram e se deleitam em seus espaços.”

Os principais museus brasileiros

“Eles são muitos hoje no País. De acordo com a última pesquisa do Instituto Brasileiro de Museus (IBraM), há mais de 3.500. Cada um apresenta as suas particularidades e estas se referem à história, ao desenvolvimento de pesquisas, ao acervo, à arquitetura do espaço e suas dimensões, à interação com o público, à qualidade das exposições etc. Por isso, é difícil considerar qual museu é ou não o principal dentro do que temos atualmente em nosso país. No entanto, destaco os museus monumento cuja arquitetura passa a integrar o espaço urbano como obra de arte, tal como o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio, ambos no Rio de Janeiro, o Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba. Mas quando penso em acervos, certamente muitas instituições museológicas também vem à minha mente, mas sempre destaco o Museu Imperial de Petrópolis, o Instituto Inhotim, em Minas Gerais, que além de ter um rico acervo de arte contemporânea é atualmente um dos maiores museus a céu aberto do mundo. Temos ainda o Instituto Ricardo Brennand, na cidade de Recife, em Pernambuco, com uma proposta museológica e museográfica ímpar, com um acervo fascinante, sem falar do Museu de Arte Sacra da Bahia, em Salvador, o MASP, a Pinacoteca, o MAC USP e tantos outros em São Paulo e outros estados.”

A relação entre história e museus

“A prática museológica contribui com o manutenção da memória histórica, mas não somente. A museologia trabalha sobretudo com o presente; mesmo usando o passado como ferramenta básica, a sua atuação é sempre no presente para reverberar no futuro. E a relação dos museus com a história é simbiótica. Considero que os museus se alimentam da história concomitantemente a história se alimenta dos museus. Destaco que mesmo os museus do presente, aqueles que tratam sobre temas como ciência, tecnologia e arte contemporânea, em algum momento se tornarão históricos também, porque abordam determinado período que, obviamente e assim como todos os demais, não é perpétuo no presente. Com isso, identificamos nos museus o caráter e o poder de laboratório, em que a história se constrói e se preserva, visto que os museus, ao realizarem a curadoria do que deverá ser musealizado ou não, já estão de certa forma direcionando o olhar das pessoas, e da sociedade, sobre a história.”

Arte ajuda a viver

“Ela é fundamental para a sensibilização das pessoas, e realmente precisamos de arte para pensarmos sobre questões que podem passar despercebidas se não tivermos um olhar mais atento, um coração mais elevado. Ora, não podemos passar por esse mundo como criaturas anestesiadas, sem vivenciarmos os impactos das paixões, a alegria proveniente das sensações e experiências sinestésicas. Precisamos de pintura, precisamos de arte. Dessa forma, acredito que não apenas a pintura, mas todas as demais linguagens e expressões artísticas podem contribuir com isso. Sonho, ainda, com um país em que cada pessoa domina uma técnica artística, sabe tocar um instrumento e dançar um ritmo de sua preferência, isso independentemente da profissão. E acredito que você não precisa necessariamente ser um artista para viver a arte e colher os frutos que o envolvimento com essa magnânima expressão humana traz, basta querer e estar disposto a seguir por essa vereda.”

Gestão e sustentabilidade

“Tenho boas lembranças do período em que morei em Salvador, durante o mestrado em Museologia, na UFBA. Posso discorrer sobre isso por horas ou em muitos capítulos. Com orientação da incrível professora e museóloga Heloísa Helena Costa, desenvolvi a minha pesquisa sobre políticas públicas para museus brasileiros – gestão e sustentabilidade. Para fazer essa pesquisa, parti do artigo 4º da Lei nº 11.904, o Estatuto de Museus, considerada como marco regulatório para a área no País. Em seguida, elaborei algumas hipóteses e minha sincera preocupação girava em torno de como os museus conseguem se manter financeiramente considerando que essas instituições precisam de recursos, mas nem todos conseguem chegar até eles. Considerei ainda que, nesse caminho, muitos museus acabam sucumbindo a verdadeiros desastres que vão desde depredação por falta de segurança até sinistros terríveis como incêndios capazes de destruir acervos completos. Isso é terrível para o nosso país, para quem somos, para nossa história e não devemos permitir que ocorra. A minha preocupação nesse sentido estimulou o meu problema de pesquisa e foi para mim o caminho para a produção de minha dissertação no Mestrado. Após isso eu ainda fiz mais uma Pós-Graduação, mas em Gestão Pública em Curitiba, para tratar sobre a gestão da cultura no Brasil e hoje ainda dou sequência a essa pesquisa no Doutorado em Planejamento e Governança Pública, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), com uma proposta de tese sobre governança de museus.”

Para aprofundar-se no tema

“O primeiro passo para se aprofundar no assunto sobre museus é justamente visitar e sentir os museus, conhecer os acervos, observar as propostas curatoriais e museográficas das diferentes instituições. Da mesma forma, sempre indico a visita de museus e exposições virtuais disponibilizadas no cyberspaço, bem como a visita em sites de museus e que tratam sobre o assunto. Além disso, minha orientação é procurar artigos em revistas e artigos científicos que abordam o tema, bem como textos específicos lançados por autarquias governamentais, como o Instituto Brasileiro de Museus, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e organizações não governamentais, inclusive ligadas à UNESCO, como o Conselho Internacional de Museus (ICOM), o Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais (ICCROM), o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM) e outros. Mas também indico a leitura dos meus textos e de textos de outros museólogos brasileiros, como Waldisa Rússio, Heloísa Helena Costa, Tereza Scheiner, Marília Cury, Bruno Brulon, Cristina Bruno, Mário Chagas e tantos outros.” **hmt**

FÁBIO ANTÔNIO GABRIEL é professor de Filosofia da Secretaria de Educação do Paraná, professor de Fundamentos da Educação da UENP/ Campus Jacarezinho, autor de *Minutos de Reflexão* (Editora Escala), tem mestrado, doutorado e pós-doutorado em Educação pela UEPG. www.fabioantoniogabriel.com